



TEOLOGIA COMO FÉ INTELIGENTE: ASPECTOS TEOLÓGICO-FILOSÓFICOS

Euler Renato Westphal¹

RESUMO

A teologia é expressão da fé inteligente que, a partir do testemunho do Evangelho, procura contribuir com respostas aos contextos específicos da vida humana. Ciência e Fé não se excluem, mas a razão precisa de referências que vêm a partir da fé. A teologia é a fé com ciência. O conteúdo de toda a teologia é a pessoa de Jesus Cristo. Aqui está a verdadeira fonte e o conteúdo de toda a teologia. Assim, a pesquisa teológica é livre para o diálogo com as ciências, a filosofia e a sociedade. A partir desse ponto de vista, temos uma hermenêutica clara. O princípio cristológico da Reforma protestante proporciona uma reflexão teológica com relevância pública e compromisso confessional.

Palavras-chave: Teologia; Filosofia; Hermenêutica; Teologia Sistemática; Epistemologia.

ABSTRACT

Theology is the expression of the intelligent faith, which initiating at the testimony of the Gospel seeks to contribute with answers to specific contexts of the human life. Science and faith don't exclude each other, but reason needs references that come from faith. Theology is faith with science. The content of theology itself is the person of Jesus Christ. Here is the true resource and content of the entire theology. Therefore, the theological research is free for the dialogue with all of

¹ Euler Renato Westphal (Dr.) é professor de teologia sistemática e ética na FLT – Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul/SC. Leciona também bioética em cursos de medicina e odontologia da UNIVILLE, em Joinville/SC. E-mail: eulerrw@brturbo.com.br.

science, philosophy and society. From this viewpoint we have a clear hermeneutics. The Christological principle of the protestant reformation provides a theological reflection with public relevance and confessional commitment.

Key-words: Theology; Philosophy; Hermeneutics; Systematic theology; Epistemology

INTRODUÇÃO²

Os primeiros teólogos foram os primeiros poetas da Grécia antiga. Inclusive, Homero e Hesíodo contavam as suas histórias por meio do mito, pois a teologia era o falar mitológico dos deuses. O “*logos theou*” tem a ver com o conhecimento de Deus e o falar de Deus. Platão e Aristóteles apresentavam a sua teologia como sendo uma teologia política, e a teologia do político operava com os deuses da religião estatal. Temos assim a teologia como uma reflexão que aconteceu antes da existência do próprio cristianismo. Essa teologia era poética, filosófica e política. Também a música e a matemática andavam de mãos dadas com a teologia.

Os apologistas no séc. II da era cristã introduziram o termo teologia, que não é um termo cristão, para dentro da linguagem da Igreja. Agora, trata-se da verdade divina e da revelação de Deus. Inicialmente, na história da Igreja, o conceito teologia está intimamente relacionado com a doutrina da Trindade. No período dos apologistas, havia uma filosofia cristã e uma teologia cristã que falavam do “*logos theou*”.

De qualquer forma, durante a história da igreja, a teologia e a

2 O último curso ministrado por Barth foi publicado no seguinte livro: BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. 9. ed. rev. Trad. Lindolfo Weingärtner, São Leopoldo: Sinodal; EST, 2007.

filosofia se entrelaçaram de tal forma que a teologia tornou-se serva da filosofia. A teologia medieval, aquela especialmente elaborada por Tomás de Aquino, aborda as questões teológicas com a ajuda da metafísica de Aristóteles. Lutero insistia em recuperar a autonomia da teologia, rompendo com a tutela da filosofia. Ele entende que somente assim se estaria ouvindo a viva voz do Evangelho. Lutero define a teologia como processo de oração, meditação e tentação. Com isso ele queria dizer que o teólogo está existencialmente envolvido com o fazer teológico.

Parece importante observar que teologia tem a ver com o falar de Deus através de mediações humanas. Nós não falamos de Deus como se a teologia fosse encarnação ou aparição de Deus. No entanto, a teologia é a tentativa de colocar a tradição teológica da comunidade cristã, desde as Escrituras, passando pela história da Igreja até à atualidade dentro de uma compreensão lógica e sistematizada, sem, contudo, pretender aprisionar Deus em um sistema teológico. Devemos entender que teologia é a tentativa de falar de Deus, embora não possamos falar dele, porque Deus é totalmente diferente. Ele é o Santo e nós pecadores. Ele é justo, nós injustos. Ele é fiel, nós infiéis. Ele é Deus e nós criaturas humanas.

As nossas palavras ainda não são o divino, as nossas colocações teológicas não são Deus e nem são revelação absoluta de Deus. Nós tentamos colocar existencialmente, racionalmente e contextualmente a revelação das Escrituras para dentro da realidade da existência humana e da fé cristã. De qualquer forma, fazer teologia significa ser aluno, aprendiz das Escrituras e de Jesus Cristo.

I. A TEOLOGIA E SEU MÉTODO

O método em teologia diz respeito à maneira e o ponto de partida com que se desenvolve a reflexão teológica. Podemos partir da premissa de uma postura ateia, ou de uma postura anti-intelectual, ou da afirmação às Escrituras ou, ainda, de suspeita às Escrituras. Podemos partir de uma concepção liberal de Jesus, que vê Cristo somente como exemplo de um ser humano de moral elevada. Podemos partir de uma abordagem que vê Jesus como Senhor, como Rei, como Deus, ignorando o aspecto da sua humanidade. Podemos colocar a fé como referencial básico para a elaboração teológica, mas também podemos colocar a dúvida como dúvida metodológica no sentido de questionar as coisas da fé, buscando encontrar respostas. É possível ter a dúvida como pergunta que não busca respostas, mas a dúvida que vive em função das próprias dúvidas e somente para confirmar as suspeitas em relação às Escrituras.

Temos outras formas de procedimento metodológico. Podemos partir da fé para compreender. Primeiro eu creio para então buscar a compreensão daquilo que creio. De outro lado, busca-se a compreensão intelectual em primeiro lugar, para então avistar a fé. Ambos os elementos não se excluem, mas devem ser buscados numa relação simbiótica entre fé e razão, que são dois elementos que constituem a própria teologia.³ Quando falamos do método em

3 Cf. ROLDAN, A. Fernando. *Para Que Serve a Teologia: metodologia – história – pós-modernidade*. Trad. Hans Udo Fuchs. Londrina: Descoberta, 2000. Cf. BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 1981. Cf. EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

teologia, estamos colocando um segundo elemento ao lado deste, que é o conteúdo. Muitas vezes, pensa-se que o método pode ser dissociado do conteúdo, mas o método influencia o conteúdo e o conteúdo influencia o método. Ambos se condicionam. Há elementos que devem e podem ser dissociados, mas nunca podemos pensar que ambos se encontram em esferas totalmente diferentes. Isso fica plasmado à medida que formos avançando nas nossas reflexões. Quando abordamos a questão do método estaremos logo falando do conteúdo, inclusive a recíproca também é verdadeira.

1. A questão existencial da teologia

A teologia tem, em primeiro lugar, uma função existencial, pois ao falar de Deus, o teólogo é aquele que está existencialmente envolvido no círculo teológico. Não se pode falar de Deus sem tê-lo experimentado. Não conhecemos a graça de Deus em Jesus Cristo sem primeiro termos conhecido a nossa condenação. A experiência de Deus tem a ver com a experiência da nossa própria falência e da consciência de nossa própria maldade. Isso Deus nos revela através da sua Palavra e do seu Espírito. Portanto, somente pode fazer teologia quem antes teve um encontro pessoal com o Deus vivo e verdadeiro.

A dimensão existencial da teologia não pode tomar o lugar do aspecto científico do labor teológico, mas ambos precisam se complementar. Não podemos colocar a fé e a razão como alternativas que se excluem mutuamente, mas ambas devem existir para que a fé seja inteligente e a inteligência seja levada cativa sob a obediência de Cristo.

Assim como uma teologia preocupada somente com a

dimensão existencial é unilateral, a teologia científica que não considera a participação da vida do teólogo peca por fazer de Deus um objeto de estudos, como se este objeto pudesse ser dissecado, analisado, servindo como *uma coisa* que pudesse ser manipulada pelo ser humano.

2. A fé

A fé é o ponto de partida para toda a teologia, inclusive, a fé em Jesus Cristo é o elemento pré-teológico. Vemos como a fé é um elemento metodológico fundamental, e este também define o conteúdo da teologia. Ambos, método e conteúdo estão intrinsecamente ligados e não podem ser dissociados.

O Pietismo deu ênfase na teologia dos regenerados. Para o movimento, no século XVII, somente podia ser teólogo quem fosse convertido. A ortodoxia luterana colocou-se contra o Pietismo, defendendo a posição de que também os não-regenerados poderiam fazer teologia corretamente e que a teologia não dependia das qualidades subjetivas do teólogo.

Parece-nos que Lutero também já postulava pela teologia do coração que relaciona a teologia com o teólogo. Assim, mais tarde, Sören Kierkegaard entendia que havia uma relação intrínseca entre verdade e subjetividade, e que a verdade cristã somente poderia ser apreendida quando houvesse essa relação de engajamento pessoal incondicional.⁴

4 PÖHLMANN, Horst Georg. *Abriss der Dogmatik*: Ein Kompendium. 5. Ed revis. e ampl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1990, p. 26-28; BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. [Christian Dogmatics]. Vol. 1. Trad. Gerrit Delfstra et alii. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 38.

A fé não é produto da religiosidade humana, mas ela é dádiva de Deus àquele que se expõe à atuação de Deus. A fé sempre é dádiva, mas ela é dádiva que volta a Deus como abertura existencial do ser humano ao agir livre de Deus em Jesus Cristo. A fé é dádiva, ela é passiva, pois Jesus Cristo é a autocomunicação, a autorrevelação de Deus. Por um lado, a fé é passivamente receptiva e, de outro lado, ela é ativa, pois se apropria pessoalmente daquilo que Deus fez em Jesus Cristo.

3. A oração

Teologia significa que o teólogo está refletindo sobre a revelação em oração como resposta ao falar de Deus. O teólogo louva pelos feitos de Deus, reconhece sua própria miséria e reivindica para si as promessas de Deus. Ao orar a Deus, falamos não dos nossos sucessos teológicos, mas da nossa culpa, dos nossos conflitos, das dúvidas e das provações. Orar é expor a Deus a realidade de pecado radical, que toda a existência está tomada pela realidade do pecado e do mal. Ao falar com Deus, reconheço que meus pecados não são somente os pecados de ordem moral, mas a minha existência, a minha natureza, é pecado. “O mal que eu não quero fazer este faço.” O pecado é uma grandeza pessoal que está fora de mim, e eu sou objeto nas mãos do pecado. A teologia precisa trabalhar com esse elemento fundamental, pois assim nos tornamos conscientes de que o nosso falar de Deus encontra-se neste círculo vicioso de culpa e de pecado. Nós somente podemos falar pecaminosamente do divino e do santo.

4. A doxologia

A doxologia encontra-se inserida na oração. Agora o ser humano desaparece de cena, pois a adoração é dada somente a Deus como reflexo da glória de Deus por meio do louvor e do agradecimento dos seres humanos. As virtudes, os feitos, a grandeza de Deus é honrada e glorificada, enquanto o ser humano, com suas reivindicações, toma um lugar completamente secundário.

5. Confissão e testemunho

O testemunho dos feitos de Deus é resposta do ser humano à reivindicação do Evangelho. O Evangelho que foi ouvido não pode se tornar propriedade privada no recôndito da consciência do indivíduo. A resposta ao Evangelho como testemunho é, ao mesmo tempo, Evangelho, ou seja, o testemunho transforma-se no anúncio do Evangelho.

Deus coloca cada crente no serviço do anúncio do Evangelho. Anunciar o Evangelho não é tarefa exclusiva dos profissionais da religião, mas é tarefa de toda a comunidade. Todos são chamados ao serviço do Evangelho, mas a distribuição do lugar e a concessão dos dons são conferidas por Deus a cada um individualmente.⁵

Teologia é testemunho do Evangelho e isso já acontece na comunidade. Temos irmãos “leigos” que têm uma reflexão muito bem desenvolvida de teologia. A teologia não pode estar completamente

5 SCHLINK, Edmund. *Ökumenische Dogmatik: Grundzüge*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1985, p. 35.

sujeita aos especialistas da teologia. Os teólogos “leigos”, enquanto alunos da Escritura, devem desenvolver uma reflexão teológica crítica para poderem discernir entre o erro e a verdade.

O discernimento dos espíritos é fundamental para a teologia, mas isso não é tarefa somente do profissional, todavia dos membros capacitados para essa tarefa dentro da comunidade. Para Lutero: “Quem saiu do batismo pode gloriar-se de ter sido consagrado sacerdote, bispo, papa”.

A teologia enquanto testemunho não pode ser limitada aos profissionais da religião, mas deve haver espaço para uma teologia de leigos que sabem muito bem articular sua teologia como testemunho de fé. Esse testemunho é Evangelho. O teólogo “leigo” não é qualitativamente diferente do teólogo de tempo integral. Ambos devem caminhar no aprendizado de Jesus como alunos das Escrituras e aprendizes de Jesus Cristo. A comunidade cristã deve convocar aqueles que de uma forma ou outra se mostram maduros na fé e que têm uma capacidade maior de reflexão para dedicarem o seu tempo ao labor teológico.

O testemunho de Cristo dirige-se ao ser humano, ao próximo, assim, a teologia busca maneiras adequadas para que o Evangelho seja anunciado para dentro da realidade concreta e histórica do outro a quem é dirigida a Palavra. A resposta ao Evangelho também acontece na confissão do labor teológico. As estruturas fundamentais da resposta do Evangelho estão concentradas na confissão, pois nela temos a oração, o testemunho, a doxologia e o ensino. A teologia também faz assertivas, pois ela não somente levanta perguntas, mas dá respostas e arbitra sobre o critério de verdade e mentira, confessando, ao firmar a sua fé na revelação de Deus em Jesus Cristo.

Deus concede diferentes dons, o dom da profecia, do ensino, da sabedoria. Cada crente deve dar a sua resposta na confissão, na oração e no testemunho. Há uma relação de compromisso entre o teólogo e Deus, pois os ensinamentos da teologia e o agir de Deus encontram-se na economia da salvação de Deus, que é atuante para dentro da nossa realidade hoje.

A verdade de Deus me diz respeito e me envolve existencialmente. A fé é o ponto de partida subjetivo para a ciência teológica, mas ela não é o conteúdo da fé cristã, pois a fé recebe aquilo que já está dado por Deus na revelação. A verdade tem a sua dimensão objetiva que é dada na revelação, trata-se da verdade no âmbito do plano de Deus. Essa verdade revelada sempre busca por uma alteridade, que é o ser humano. A verdade permanece algo transcendente e metafísico se não for apreendida pelo ser humano. Aliás, a verdade da revelação não é neutra, ela age como graça ou como juízo. Portanto, a revelação sempre nos compromete, colocando-nos entre a realidade de fé ou de descrença.

II. A TRADIÇÃO TEOLÓGICA

1. As fontes da teologia

A teologia não se esgota da experiência de fé ou do sentimento de fé ou do arrebatamento pessoal que a fé em Jesus Cristo provoca. Isso tudo é verdadeiro, mas não pode haver prejuízo da racionalidade da fé, da inteligência da fé. Esta deve clarear nossas experiências com Deus, pois a fé sem uma reflexão científica pode degenerar no

subjetivismo da fé, que passa a ser fonte da teologia. Assim temos uma teologia antropocêntrica e subjetiva que perde o seu referencial da revelação objetiva em Jesus Cristo.

Observamos que teologia tem a ver com o falar de Deus. O falar de Deus não significa que podemos aprisionar Deus aos nossos sistemas e colocá-lo dentro dos moldes teológicos humanos. Deus é o bem outro. Ele é aquele que ainda permanece escondido e do qual não nos podemos apropriar. Mesmo que Jesus nos revele Deus, Ele não é nosso colega e nem o nosso interlocutor direto. Deus habita nos céus, e nós, na terra. Ele é Deus e nós, criaturas. Toda a teologia é apenas a tentativa de falar de Deus.

A teologia não é revelação de Deus, mas ela opera com linguagem humana, e é feita por pessoas pecaminosas e finitas que em si não podem falar de Deus. A teologia apresenta tentativas de fala a respeito do eterno e do infinito. Ela não pode apresentar seus postulados como se fossem resultados de entrevistas pessoais com Deus, ou como se fossem verdades eternas reveladas a um teólogo para sempre e em todos os contextos.

Deus não mora em lugar inacessível. Ele foi revelado em Jesus Cristo. Nele temos a autorrevelação de Deus. No crucificado e ressurreto, conhecemos o rosto de Deus, pois sem Jesus Cristo, conhecemos Deus apenas de costas e não conhecemos o seu *prósopon* (rosto) que é aquilo que o identifica como ser, como Deus pessoal.

O Deus que habita em luz inacessível, que é o santo Deus e que não pode ser apropriado por nenhum ser humano, este é o Deus que se faz humano e vem para dentro das idiossincrasias e das ambiguidades da existência da humanidade e da vida cristã. Ele se mostra como o Deus misericordioso que se interessa pela existência da humanidade.

Deus se compadece da sua humanidade. Ele é um Deus de amor e não é um absoluto ou um infinito a-temporal e a-histórico, mas Deus se encarna na história da humanidade e não pretende aniquilar o ser humano, mas vem em bondade, querendo fazê-lo humano e divino através do Deus-Homem Jesus Cristo.

2. A raiz da teologia é Jesus Cristo⁶

A teologia parte do seu conteúdo fundamental que é a história concreta do Deus-Homem, que é Jesus Cristo. A fé é o ponto de partida da teologia. Jesus Cristo, testemunhado nas Escrituras, é o seu conteúdo. A razão é o instrumento que pensa a fé e a revelação, colocando-os de forma ordenada para a compreensão humana.⁷

A compreensão da fé inicia no acontecimento da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Na pessoa de Cristo, nós temos a autorrevelação de Deus. Jesus não é nenhum herói, mas Deus mesmo assumiu a forma humana, fazendo-se ser humano com todas as suas limitações e sua desgraça.

O homem Jesus de Nazaré é o Deus eterno, criador do céu e da terra. Nele temos a consumação final da salvação para toda a humanidade. A teologia tematiza a realidade da revelação do amor de Deus em Jesus Cristo e seu significado para a realidade da humanidade.

O conteúdo de toda a teologia é a pessoa de Jesus Cristo. Aqui está a verdadeira fonte e o conteúdo de toda a teologia e, ao mesmo tempo, em Cristo está o ponto de convergência para o falar teológico

6 Edmund SCHLINK, *Ökumenische Dogmatik*, p. 42-43. Cf. Karl BARTH, *Introdução à Teologia Evangélica*.

7 Carl E BRAATEN; Robert W. JENSON, *Dogmática Cristã*, p. 40.

de Deus. A partir do momento em que os diferentes temas da teologia são tratados de forma autônoma, esses temas passam a ser colocados no centro da teologia, e o centro que é Cristo é centrifugado para a periferia.

Temos então assuntos de ordem eclesiológica tratados de maneira autônoma, e as preocupações eclesiológicas são abordadas de tal forma que se tornam normativas e centrais por si mesmas. O critério de verdade é tomado a partir da organização da comunidade, do ministério, do uso de vestes ministeriais, administração eclesiástica, etc.

A partir daqui são tomados juízos teológicos, pois se perdeu o centro, a convergência, e o ponto de partida da teologia. Não se percebe que todos os temas da teologia, especificamente da eclesiologia, são derivados daquele tema fundante que é a pessoa de Cristo e de todas as reflexões cristológicas. A impressão que se tem é que algumas discussões em torno de temas administrativos andam por este caminho.

Semelhante a isso, conhecemos as questões suscitadas pela discussão carismática. A questão dos dons do Espírito Santo é fundamental para a fé e a vida da comunidade. A temática do Espírito Santo deve ser considerada, pois o Espírito é a terceira pessoa da Trindade. O problema encontra-se no fato de que esse tema é tratado de forma autônoma, não considerando adequadamente a encarnação de Deus e a cruz de Jesus Cristo. Derivado disso, não se considera suficientemente que o Espírito é dado através de Jesus Cristo. Parece-nos que a teologia corre sérios riscos quando determinados temas são “descontextualizados” da pessoa de Cristo.

3. A teologia está fundamentada no testemunho da Palavra

Encontramos o testemunho da revelação de Deus em Jesus Cristo na Palavra de Deus, no Antigo e no Novo Testamento. A Palavra de Deus chama pessoas da morte para a vida. A teologia autêntica é resposta do ser humano a Deus, que se revela através da Palavra. A Palavra de Deus é Evangelho, pois ali Deus revela sua santidade, sua ira, sua inacessibilidade. No entanto, é no Evangelho, na Palavra de Deus, que encontramos a revelação do Deus misericordioso que aceita e abraça os filhos perdidos e coloca o ser humano arrependido para dentro da sua aliança.

Através da Palavra de Deus nos é dito que somos pecadores agraciados, e que Deus não nos vê como somos, mas que ele vê Cristo em nosso lugar. Nós somos condenados, pois em nossa natureza e essência estamos totalmente perdidos. Ainda assim, Deus não nos exclui, mas se reconcilia conosco.

Ele anuncia sua palavra de anistia para nós condenados. Ele não vê a mim em minha maldade e perdição, mas Jesus se coloca entre mim e Deus, e a justiça que está em mim não é a minha, mas a de Jesus Cristo. Deus se solidariza com este homem Jesus, e Deus habita entre nós na pessoa do Nazareno.

As testemunhas que viram e ouviram Jesus reconheceram que este era o Deus-Homem por meio do qual o Reino de Deus se fazia realidade na história da humanidade. A experiência de Jesus fez que aquelas testemunhas escrevessem, testemunhassem e anunciassem que Jesus era o Cristo de Deus. Todo o interesse dessas testemunhas estava ligado ao anúncio da história da salvação de Deus.

As testemunhas falavam palavras humanas para contar

da realidade do Deus eterno que acampou entre nós. A Escritura é constituída por palavra de homens e palavra de Deus. As testemunhas eram homens que falavam com palavras humanas, escreviam com instrumentos humanos, papiro e tinta, a respeito do evento da revelação de Deus.

A teologia não se encontra na mesma linha sucessória dos apóstolos e dos escritores bíblicos. Eles eram testemunhas oculares, enquanto nós ouvimos o eco do testemunho bíblico. Isso implica que não temos um lugar acima das testemunhas oculares, mas o nosso lugar sempre deve estar sob a Palavra. Precisamos submeter-nos ao anúncio da sua Palavra, não nos fazendo juízes dela, mas colocando-nos sob o seu julgamento.

A teologia não pode colocar a Palavra de Deus daquela época *in recto* conosco hoje, buscando fazer uma simples atualização da época das testemunhas originárias e nós. A teologia deve considerar que há um fosso histórico enorme entre os textos da época e nós. Nós não somos os profetas, nem os apóstolos. Eles eram únicos e não se repetem mais.

Eles tiveram função canônica, pois o seu testemunho representa o encerramento do cânone bíblico. A fé cristã está fundamentada no testemunho dos profetas, de Jesus e dos apóstolos, pois não há novas revelações que pudessem adicionar ou corrigir o cânone. Nós não somos iguais às testemunhas oculares. Somos, sim, intérpretes dessa Palavra de Deus e buscamos saber a vontade de Deus para nós hoje. Não basta querer aplicar a Palavra pura e simplesmente aos nossos dias.

Não podemos buscar uma simples atualização dos textos sem considerar que vivemos em contexto histórico distinto daquele em que Paulo, Pedro e os apóstolos viveram. Por isso é importante

considerar o contexto da história da salvação e o contexto histórico no qual os primeiros escritores viveram e o contexto no qual vivemos hoje.

A Bíblia não se aplica de maneira igual dentro da economia da salvação, pois o período do Pentateuco era diferente do período dos Juízes. A função dos profetas é diferente daquela dos apóstolos. O dom da profecia das comunidades de Corinto não significa a mesma coisa que a atividade profética dos profetas do Antigo Testamento. Os apóstolos do NT não são o mesmo que os missionários e pastores em nosso tempo.

Para a teologia, a antiga verdade da Palavra de Deus deve ser ouvida de novo e deve ser renovada por meio do Espírito Santo, que nos vivifica a Palavra de Deus. Devemos considerar que as Escrituras são testemunho da ação livre e salvífica de Deus. A liberdade de Deus tem a ver com a sua soberania, pois ele atua escolhendo o menor de todos os povos (Dt 7.7; 9.5). O envio de Jesus Cristo e a ação salvadora na cruz e ressurreição são expressões da liberdade do agir de Deus.⁸ A teologia deve estar consciente de que a ciência teológica está fundamentada nesta liberdade de Deus, e que não podemos aprisioná-lo dentro de nossos conceitos e sistemas de pensamento teológico.

Deus é atuante por meio da sua Palavra, pois todas as ações de Deus foram executadas pela sua Palavra. Estamos diante da relação intrínseca entre Palavra de Deus e o seu agir. A ação de Deus, através da sua fala, testemunhada nas Escrituras, não significa que essas ações fiquem restritas ao passado e, em decorrência disso, deversem ser contempladas como peças de museu. É verdade que as ações de Deus aconteceram no passado e estão ancoradas ali, mas as ações do

8 Edmund SCHLINK, *Ökumenische Dogmatik*, p. 59-60.

passado são sempre reinterpretadas e experimentadas hoje no âmbito da subjetividade da existência humana. As ações de Deus no passado são também ações de Deus para nós hoje. Deus criou o mundo, mas criou também a cada um e continua com sua atividade criadora hoje. O Deus-Homem morreu na cruz no passado e isso significa que ele morreu para mim e para todos os meus contemporâneos.⁹

Deus proporciona uma relação de alteridade com o ser humano e o coloca na dinâmica do seu agir no mundo, chamando-o a depositar sua confiança nele e a obedecê-lo. O fundamento e a unidade da teologia estão colocados sobre a ação da história salvífica de Deus. Isso significa que o fundamento da teologia não pode estar ancorado na multiplicidade das experiências de fé da comunidade e também não pode fazer de uma experiência de fé um postulado normativo para toda a reflexão teológica.

As experiências humanas e o contexto histórico e sócio-político são mutantes. A Palavra de Deus e a oração devem considerar essa dinâmica das situações humanas, interpretando a Palavra salvífica de Deus para dentro dessas realidades da existência humana que mudam sempre de novo no tempo histórico e no espaço geográfico. A teologia tem a tarefa de confessar aquilo que está dado pela revelação de Deus na história. A teologia não pode colocar novas revelações, mas ela interpreta as revelações que estão narradas nas Escrituras pelas testemunhas oculares.

Portanto, o fundamento da teologia é Deus mesmo, que se revela em Jesus Cristo. Somente nele podemos conhecer Deus. Conhecê-lo não significa apropriar-nos de Deus, mas significa que o teólogo ouve Deus e o conhece por meio do centro e do fundamento da teologia que é Jesus Cristo, o crucificado e o ressurreto. Quando

9 Edmund SCHLINK, *Ökumenische Dogmatik*, p. 61.

ouvimos Jesus, então buscamos a Palavra que foi testemunhada pelas testemunhadas oculares. Estas devem ser interpretadas, pois não temos autoridade canônica e não nos encontramos na mesma linha sucessória dos apóstolos. O Espírito Santo nos abre os olhos aos mistérios da Palavra de Deus.

III. A TEOLOGIA EM BUSCA DA CORRELAÇÃO

A tradição das Escrituras é a base, o fundamento para toda a reflexão teológica. No entanto, reproduzir apenas o que se falou no passado seria colocar a teologia numa redoma que se contenta apenas com as afirmações corretas, sem, contudo, buscar pela relevância da teologia para cada tempo histórico e espaço geográfico. A teologia deve andar em dois trilhos, uma vez que ela está claramente postada na tradição da comunidade de Jesus Cristo. Em outro momento, ela busca pela relevância da Palavra nas diferentes realidades da vida humana.

A teologia não pode apenas recitar o que foi dito no passado, mas deve buscar novas formas do falar de Deus para o contexto no qual o ser humano se encontra. A Palavra de Deus não tem somente a sua natureza divina, mas ela também tem sua natureza humana. Ela é Palavra de Deus testemunhada através de palavras humanas e dita por humanos, e não por anjos. A Palavra de Deus encontra-se inserida nas ambiguidades e idiossincrasias da existência humana.

Ela também está inserida na relatividade histórica, pois Deus fala de forma diferente nas diferentes realidades, pois cada realidade

exige que a Palavra seja testemunhada com ênfases diferentes. Essa Palavra que é reinterpretada a partir da tradição teológica não muda nos seus conteúdos constantes, mas ela é dita de maneira nova para dentro das necessidades do ser humano e da comunidade de Cristo.

Ao longo da história da Igreja foi assim que em cada época se reafirmou a tradição a partir de necessidades. Isso ocorreu quando a Igreja teve que se posicionar contra Marcião, que negava a relevância do Antigo Testamento e da tradição judaica, criando o seu próprio cânone. Aqui a Igreja afirmou a continuidade entre AT e NT. Toda a questão suscitada por Marcião contribuiu para que o cânone fosse estabelecido logo cedo.

Temos o conflito cristológico, quando Ário negou o ser Deus de Jesus Cristo e afirmava ser ele apenas um semideus ou um super-homem, mas não seria Deus. Aqui a Igreja teve que afirmar a divindade de Jesus por inteiro, dizendo que ele é verdadeiramente Deus. Por outro lado, Apolinário levou essa questão tão a sério que negou a humanidade de Jesus. Segundo ele, Jesus é Deus por completo, que não pode ser humano. Em resposta, a Igreja teve que dizer que Jesus é totalmente homem. Aqui ela fez uma afirmação por inteiro que colide com a primeira afirmação.

A Igreja precisou afirmar, em épocas diferentes, posições distintas, com ênfases diferentes. Essas ênfases nas afirmações sempre foram ditas em sua radicalidade e em sua totalidade, e os paradoxos não podem ser seccionados, mas devem ser deixados lado a lado, pois a lógica dos paradoxos é a lógica da Palavra de Deus. Esta é a racionalidade através da qual Deus comunica a sua revelação.

De outro lado, Agostinho faz uso da terminologia platônica para falar de Deus. Isso foi imperioso numa época em que o

imaginário religioso e filosófico era moldado pelas categorias platônico-aristotélicas. Lutero, na Reforma, assume uma postura profundamente crítica em relação à influência da filosofia aristotélica na teologia, criticando e rompendo com a racionalidade aristotélica.

Entendemos que o falar de Deus não está somente condicionado por uma determinada época, mas a reflexão teológica também deve considerar o lugar e o espaço geográfico no qual se articula um discurso teológico, com suas ênfases e suas particularidades e unilateralidades.

1. Alcances de uma teologia contextual

Defendemos a legitimidade de uma teologia contextual aberta ao diálogo com outras ciências. A teologia contextual deve ter a percepção para as mudanças culturais da sociedade. O imaginário religioso popular deve ser considerado quando se trabalha uma teologia contextual.

A teologia não pode se encerrar numa campânula, abstraindo-se da realidade cultural e sócio-política que a rodeia. Ela não pode criar suas torres de marfim e contentar-se em despejar as verdades da tradição sobre seus ouvintes. Essas afirmações não podem ser encaradas como se fossem verdades a-históricas que pudessem ser aplicadas igualmente para todas as épocas e em todas as situações. As afirmações que a Escritura e a Reforma fazem sobre o casamento e o Estado não correspondem à compreensão de matrimônio e Estado que temos hoje. O exercício da sexualidade no casamento e das relações igualitárias entre o homem e a mulher é fruto do secularismo. O Estado não tem somente a função de conter o mal, mas também tem a incumbência de zelar pelos seus cidadãos. Essa

também é uma contribuição do Iluminismo que difere da tradição cristã clássica.

Isso significa que a teologia cristã não pode ignorar a realidade cultural mudada e precisa estar atenta para a mudança do universo simbólico do religioso entre a população latino-americana. Qual o imaginário religioso que norteia as pessoas em nossas comunidades? O que elas entendem quando se fala de ressurreição, de Jesus Cristo, de vida eterna? Será que o imaginário popular está sendo nutrido mais pela “teologia” de Paulo Coelho do que pela teologia das comunidades cristãs? A teologia, como falar de Deus, deve estar atenta para essas realidades.

Um outro aspecto diz respeito ao contexto geográfico e social do teólogo. Aqui estamos diante de uma contribuição fundamental da teologia latino-americana no cenário internacional. A teologia da libertação chamou a atenção para o lugar, o espaço geográfico. O teólogo latino-americano que convive com a realidade de opressão e miséria faz teologia de maneira distinta dos teólogos do primeiro mundo. A teologia latino-americana tem preocupações que os teólogos do hemisfério norte não tem. Para os teólogos latino-americanos, o Evangelho deve partir da realidade das massas populacionais, que sofrem com a perda da própria imagem como humanos. A crueldade das populações empobrecidas e a estupidez das elites devem fazer parte das reflexões teológicas.

Inclusive, a teologia da libertação entende que o ponto de partida para um novo jeito de fazer a teologia é partir da prática da libertação. Trata-se de uma reflexão crítica da prática concreta da libertação feita pelos pobres e pelos aliados dos pobres.⁷ Para a teologia da libertação, a realidade latino-americana exige que se faça uma opção preferencial pelos pobres, porque estes são os

que constituem a maioria da sociedade e das próprias comunidades cristãs.

A teologia da libertação não parte, em primeiro lugar, da reflexão da tradição dogmática, mas da realidade dos oprimidos, dos pobres, pois o Reino de Deus começa a se realizar a partir dos pobres, avançando para todos os seres humanos. Isso não significa que a teologia da libertação não considere a tradição, mas ela incorpora a tradição como um ato teológico segundo.

A teologia latino-americana da libertação olha para o depósito teológico do passado sob a perspectiva do pobre, pois lendo a teologia no espaço geográfico da América Latina não se pode deixar de fazer uma reflexão teológica ignorando a realidade de opressão e de pobreza estrutural.

Assim, a Cristologia, que é um tema fundamental para a teologia da libertação, é lida sob a perspectiva da realidade de uma sociedade de conflitos como esta da América Latina, sem, contudo, ignorar a confissão cristológica da Igreja. Aqui o legado da tradição é reinterpretado sob a ótica do pobre e do oprimido.

Temos então uma teologia contextual que relaciona o passado com o presente histórico, procurando a Palavra de Deus para uma realidade de oprimidos. A pergunta inicial da teologia da libertação – Hugo Assmann colocou-a como uma inquietação teológica profunda na década de 60: “Como podemos falar de Cristo numa sociedade de crucificados?” – procura pelo contexto histórico e social no qual se faz teologia.

2. Limites de uma teologia contextual

De qualquer forma, precisamos registrar algumas inquietações em relação às teologias contextuais. Uma vez, ela corre o risco de se adaptar às necessidades do contexto, e a teologia perde o seu caráter normativo de dizer o que é verdade e o que é erro teológico. A tradição teológica cristã é alterada à medida que o contexto exigir alterações do conteúdo da fé.

As teologias contextuais correm o risco de se amoldar tanto aos problemas suscitados pelo contexto, que elas correm o risco de tirar a dimensão do escândalo do Evangelho. Assim, a Palavra é submetida ao juízo do contexto, enquanto que o contexto não se submete mais ao crivo do julgamento de Deus.

De outro lado, temos que afirmar a necessidade de uma teologia que procura atuar no seu contexto. A correlação tem uma importância fundamental para a teologia, pois ela procura respostas inteligentes às perguntas que o ser humano faz. Há o perigo de a teologia não dar mais respostas, mas somente levantar questões, perguntas e problemas. As respostas vêm da realidade, da filosofia e dos diferentes campos do saber. Dessa forma, a teologia assume a condição de serva, e a realidade social e cultural toma o lugar que diz respeito à teologia.

Mesmo correndo riscos, a dimensão do tempo e do espaço é fundamental nas reflexões teológicas. Encontramo-nos na tensão entre o passado da tradição e os desafios das realidades humanas para a vivência da fé no hoje histórico. Ao acentuar unilateralmente o elemento teológico da tradição, a reflexão teológica limita-se a afirmar verdades que estão postadas no edifício da tradição, mas não

tem relevância para o mundo de hoje.¹⁰

Precisamos buscar por um ponto de contato entre a revelação e o contexto histórico e cultural ao se fazer teologia, como dizia Emil Brunner. Diga-se de passagem, o teólogo Brunner soube fazer isso muito bem. Ele entendia que as afirmações teológicas do passado deveriam ser traduzidas para dentro do universo cultural do ser humano moderno.¹¹ Entendemos que o legado da tradição do passado é o fundamento de toda a teologia, mas esse fundamento deve estar aberto para a realidade do ser humano que habita este mundo –, que ainda é de Deus. O Iluminismo, na sua busca pela contextualização, secularizou os conteúdos da fé cristã, e a teologia se tornou irrelevante.¹²

10 Cf. BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 34-35. Cf. WESTPHAL, Euler Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Editora Sinodal, 2003, p. 184-191. SINNER, R. von. “Towards a Theology of Citizenship as Public Theology in Brazil”. In: *Religion & Theology*. Vol. 16, 2009, p. 181-206, SINNER, R. von ; RIBEIRO, A. C. “Entrevista: Teologia pública: para além da igreja e da academia”. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. 3, 2008, p. 91-95. SINNER, R. von. “‘A Santíssima Trindade é a melhor Comunidade’. Trindade, igreja, sociedade civil”. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 48, 2008, p. 51-73.

11 BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Gott. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 4. ed. Vol. 1. Zürich: Theologischer Verlag, 1972, 363 p. BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Schöpfung und Erlösung. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 3. ed. Vol. 2. Zürich: Theologischer Verlag, 1972, 407 p.

12 Cf. KANT, Immanuel. Der Streit der Fakultäten: Anthropologie in pragmatischer Hinsicht. 1798. In: *Kant's Werke*. Vol. VII. Berlin: Verlag Georg Reimer, 1917, p. 38-44. Cf. KANT, Immanuel. *O Conflito das Faculdades*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 46-53. Cf. SCHNEEWIND, J. B. *A invenção da autonomia*. Trad. Magda França Lopes. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

IV. A INTELIGÊNCIA DA FÉ NO DISCURSO TEOLÓGICO

O Positivismo entende que ciência está limitada àquilo que é mensurável, limitando-se ao conhecimento empírico do mundo. Para a visão positivista de ciência, a teologia não pode ser definida como ciência como são definidas as disciplinas das ciências exatas e das ciências naturais.

Entendemos que a teologia está mais próxima das ciências humanas, como a arte, a literatura, a história e as ciências políticas. Essas ciências somente podem ser analisadas cientificamente à medida que há uma participação do sujeito que investiga o objeto. Chamamos isso de compreensão participativa, pois o investigador deve encontrar-se existencialmente inserido e identificado com o objeto a ser pesquisado. Isso ocorre na música, na literatura, na história, na sociologia e em outros âmbitos das ciências humanas.¹³

Na teologia, é importante que o teólogo não somente analise racionalmente o seu objeto de estudos, mas que ele esteja existencialmente comprometido com o objeto da fé, que é o Deus encarnado em Jesus Cristo. O Pietismo deu ênfase numa teologia dos regenerados, inclusive colocou condições para o fazer teológico –, somente o convertido pode fazer teologia.¹⁴

A teologia é científica como o são as outras disciplinas das

13 Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 491-495. Cf. GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p. 81-84 e p. 118-120. Cf. RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições70, 1976, p. 37 – 39.

14 Cf. SPENER, Phillip Jacob. *Mudança para o futuro: Pia Desideria*. Trad. Dilmar Devantier. Curitiba; São Bernardo do Campo: Encontrão: IEPG, 1996.

ciências humanas. Ela deve seguir o critério da coerência entre o método e o objeto de estudo. A teologia não pode fazer uso de métodos que são inadequados para se estudar teologia cientificamente. Não é possível utilizar as ferramentas de uma oficina de automóveis para consertar relógios. Cada âmbito das ciências tem sua racionalidade própria, tem sua lógica interna que dá coesão a todo o seu edifício teórico e prático.¹⁵

Não é possível que a teologia adote o postulado de controlabilidade e o postulado de analogia. A controlabilidade diz respeito à possibilidade de verificabilidade empírica. A analogia e a correlação entendem que verdadeiro é aquilo que se pode ou não provar empiricamente. A ressurreição é algo nunca acontecido na história da humanidade, conseqüentemente, também não é possível afirmar que a ressurreição de Jesus seja um fato histórico. A compreensão positivista da teoria das ciências exige que aquilo que é cientificamente impossível também seja impossível para a teologia.¹⁶

A teologia está próxima das ciências humanas, pois a inteligência que reflete teologia também é a mesma que reflete outros campos do saber a respeito do ser humano. Há uma necessidade

15 Cf. MUELLER, Enio. R. "A teologia e seu estatuto teórico." In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 47, n. 2, 2007, p. 88-103. PASSOS. João Décio. "Desafios de um empréstimo epistemológico". In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009M p. 1-12; ZABATIERO TAVARES, Júlio Paulo. "O estatuto acadêmico da teologia à luz do parecer 118\09 do Conselho nacional de Educação\Câmara de Educação Superior(CNE\CES)". In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009, p. 13-23. CARNEIRO de ANDRADE, Paulo Fernando. "O reconhecimento da Teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional". In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009, p. 24-34..

16 TROELTSCH. Ernst. *Die Absolutheit des Christentums und die Religionsgeschichte*. München; Hamburg: Siebenstern, 1969.

inerente ao ser humano de fazer perguntas, levantar dúvidas e buscar respostas a essas dúvidas. A inteligência humana busca saber as coisas que dizem respeito à realidade última e àquilo que existencialmente diz respeito ao ser humano.

A fé, a conversão, é o ponto de partida para o trabalho teológico, e a razão é o instrumento de compreensão dos conteúdos da fé e da compreensão da existência humana. Fé e razão não se excluem, mas se complementam e estão entrelaçadas, pois a fé sem razão torna a teologia arbitrária, e a razão sem fé faz da teologia um empreendimento estéril.

O ser humano como imagem de Deus pode compreender a revelação de Deus. A inteligência humana possui um senso de divindade que busca conhecer aquilo que lhe está escondido, pois o homem quer entender aquilo que dá sustentação à sua realidade. O mundo empírico que se desenha à nossa frente ainda não proporciona o saber mais profundo da existência. Busca-se saber o que está por trás daquilo que se vê, qual o sentido das coisas que são empiricamente constatáveis.¹⁷

A teologia deve fazer-nos avançar e ver que, em meio à escuridão, ao mal e à miséria existe o elemento escatológico que faz ver que as forças do mal não são as últimas coisas, mas que Jesus Cristo é o Senhor sobre tudo isso, e que a história não fugiu do controle de Deus. A fé inteligente vê para além das evidências empíricas e consegue vislumbrar aquilo que está fechado para a sabedoria humana. Isso é um elemento fundamental para a ciência teológica –, ver o mundo com os olhos da fé.

17 BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Gott. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 4. ed. Vol. 1. Zürich: Theologischer Verlag, 1972, 363 p. BRUNNER, Emil Die christliche Lehre von Schöpfung und Erlösung. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 3. ed. Vol. 2. Zürich: Theologischer Verlag, 1972, 407 p.

A teologia depende de textos e de tradições da história, pois temos a Escritura e toda a tradição teológica do passado que buscou falar de Deus em seu contexto histórico específico. Diante disso, a teologia também trabalha criticamente os seus textos, inclusive o método histórico crítico é um instrumento comum à ciência histórica secular. A teologia não somente critica as Escrituras a partir do seu centro, que é Jesus Cristo, mas também critica a própria ciência da teologia e o seu método. Por outro lado, a teologia não somente descreve positivamente, afirmando e declarando verdades, mas também lança críticas à própria fé na ciência e aos edifícios da teoria da ciência que, em muitos casos, reivindicam qualidades salvíficas.

A teologia não somente trabalha com o que é possível pela razão humana, pois o verdadeiro não é sempre o mesmo que aquilo que é empiricamente verificável. Verdadeiro também é aquilo que transcende os limites da razão humana. É possível falar-se hoje, no âmbito das ciências, de coisas que são mais ou menos prováveis. Não se pode mais falar de que aquilo que vai além da compreensão racional seja impossível. Inclusive, o termo impossível é questionado nas ciências modernas.

A concepção científica do século passado acreditava num sistema fechado de causa e efeito. A física moderna, porém, não opera tão acriticamente com este sistema fechado de leis naturais, mas com probabilidades de maior ou menor grau. As ciências contam com a possibilidade do inexplicável, do imprevisível e do contraditório e estão conscientes que somente apreendem uma parte da realidade.

Inclusive, o imensurável é uma dimensão possível da realidade. Semelhantemente nas ciências naturais, o historiador pode expressar suspeitas de que um determinado relato não corresponde às suas experiências. A categoria impossível, tantas vezes afirmada pelo

positivismo científico, não pode nortear o princípio metodológico da pesquisa histórica.

O pesquisador, para compreender seu objeto de pesquisa, precisa apresentar, antecipadamente, uma disposição intelectual favorável ao objeto. O ceticismo, como princípio metodológico, não terá acesso à compreensão do contexto histórico, mas este permanecerá estranho e hermético.

Na história da teologia recente, fez-se da concepção de ciência e da crítica histórica um princípio de interpretação. O criticismo científico tem-se colocado como uma grandeza absoluta e foi imposto à Escritura. A ciência se tornou, em alguns casos, objeto de fé. A ciência não pode tornar-se juíza da Escritura. O teólogo enquanto “cientista” deve submeter-se à crítica da Escritura, pois esta deve ser sujeito da crítica, e o intérprete é objeto do seu julgamento. A Escritura deixará de ser hermética à compreensão quando o intérprete assumir, antecipadamente, uma atitude de confiança e obediência ao Espírito da Escritura.¹⁸

Precisamos dizer também que a dúvida metodológica que pergunta, que questiona as coisas e persegue os questionamentos em busca de respostas é uma dúvida correta que faz parte da natureza do ser humano como imagem de Deus. A dúvida como incerteza também está ligada à existência que temos entre a realidade do pecado, pois somos justos e pecadores ao mesmo tempo e, por isso, ainda sujeitos às dúvidas e às provações. Como crentes em Jesus Cristo, somos susceptíveis às dúvidas, pois vivemos na ambiguidade do simultaneamente justo e pecador.

De outro lado, temos as dúvidas como suspeita metodológica,

18 WESTPHAL, Euler Renato. A questão hermenêutica em Rudolf Bultmann. In: *Vox Scripturae*. São Paulo, vol. 10, n. 1, dez 2000, p. 89 -108.

ou como afirmação da dúvida que se identifica com o ceticismo. Essa dúvida busca a crítica como uma atitude apriorística em relação ao objeto de investigação. Nesse caso, o teólogo não está inserido numa compreensão participativa com o objeto de estudos e, por isso, será incapaz de ver a revelação de Deus que somente se mostra aos olhos da fé.

A ciência trabalha com questionamentos, com a dúvida metodológica, mas a dúvida não pode ser uma dúvida radical, pois também a ciência opera com um mínimo de confiança ao objeto de estudos e aos postulados levantados que devem ser investigados. Há uma atitude mental favorável ao objeto investigado. Se isso é verdadeiro para com as ciências exatas e naturais, quanto mais verdadeiro isso será para com a teologia, e extensivamente à área das ciências humanas.

V. CONCLUSÃO

A dúvida legítima na teologia deve partir da afirmação à revelação, enquanto a dúvida como suspeita e negação constitui-se em grave entrave para a compreensão da revelação de Deus. K. Barth define a teologia como ciência da seguinte forma:

1. A teologia representa o esforço humano em busca de um objeto definido de conhecimento. 2. A teologia vem por um caminho definido e autoconsistente em direção ao conhecimento. O caminho do conhecimento teológico é coerente com a racionalidade da ciência teológica. A compreensão racional e científica da teologia é coerente com o seu objeto de estudo. 3. A teologia consegue justificar diante

de si e perante os outros o caminho que ela percorre.¹⁹

K. Barth entende que o conceito de ciência precisa ser modificado. As ciências devem estar sintonizadas com a realidade trinitária que se encontra no fundamento do mundo e da existência humana. À medida que as ciências considerarem que a estrutura do mundo é constituída pela realidade do Deus triúno, a teologia se tornaria supérflua.

Para Barth, a teologia é uma disciplina científica que se ocupa com a estrutura fundamental da realidade que é o Deus trinitário. Segundo ele, teologia é tudo aquilo que se preocupa com Deus, ou pessoas que se preocupam de alguma forma com alguma divindade. Essas divindades podem ter caráter religioso como podem ser de natureza secular. Inclusive as ideologias ateias apresentam um modo de fazer teologia.²⁰

Para Barth, na compreensão cristã, teologia é conhecer Deus em Cristo, ou como Kierkegaard definia o teólogo: “É professor de ‘outro’ ter sido crucificado”. Teologia pode ser articulada em todos os espaços da vida humana onde pessoas vivem a sua fé em Jesus Cristo de forma autêntica, simples e com sabedoria. De verdade, o único tema da teologia é que Deus veio ao mundo em Jesus Cristo para buscar e salvar os perdidos.

As teologias são esforços humanos para falar de Deus, para falar do mistério inefável. O teólogo permanece pecador agraciado. Portanto, toda teologia e todo teólogo estão sob o juízo de Deus. Assim como toda a carne está sob o juízo de Deus, também os teólogos devem colocar-se sob o juízo e a ira da santidade de Deus. Desse

19 Cf. Karl BARTH, *Introdução à Teologia Evangélica*; Cf. Horst Georg PÖHL-MANN, *Abriss der Dogmatik*, p. 32-35.

20 Cf. Karl BARTH, *Introdução à Teologia Evangélica*.

modo, teologia significa viver no arrependimento e na confissão de pecados.

O teólogo vive como mendigo, pois o juízo que Deus executou na cruz não representa destruição, mas é vida, é salvação para os teólogos e estudantes de teologia. A graça de Deus se manifesta ao fraco, ao pecador, ao mendigo e não ao autossuficiente e forte. O teólogo coloca seu labor sob a cruz de Cristo, pois a partir do crucificado e ressurreto temos o perdão e nutrimos a esperança do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. 9. ed. rev. Trad. Lindolfo Weingärtner, São Leopoldo: Sinodal; EST, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. [Christian Dogmatics]. Vol. 1. Trad. Gerrit Delfstra et alii. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Gott. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 4. ed. Vol. 1. Zürich: Theologischer Verlag, 1972.
- BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Schöpfung und Erlösung. In: Emil Brunner. *Dogmatik*. 3. ed. Vol. 2. Zürich: Theologischer Verlag, 1972.
- CARNEIRO de ANDRADE, Paulo Fernando. “O reconhecimento da Teologia como saber universitário: tensões e articulações entre as dimensões confessional e profissional”. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009, p. 24-34.
- EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero: uma introdução*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- KANT, Immanuel. Der Streit der Fakultäten: Anthropologie in pragmatischer Hinsicht. 1798. In: *Kant's Werke*. Vol. VII. Berlin: Verlag Georg Reimer, 1917, p. 38-44

-
- KANT, Immanuel. *O Conflito das Faculdades*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993,
 - MUELLER, Enio. R. “A teologia e seu estatuto teórico.” In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 47, n. 2, 2007, p. 88-103.
 - PASSOS. João Décio. “Desafios de um empréstimo epistemológico”. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009, p. 1-12.
 - PÖHLMANN, Horst Georg. *Abriss der Dogmatik: Ein Kompendium*. 5. Ed. revis. e ampl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1990.
 - RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.
 - ROLDAN, A. Fernando. *Para Que Serve a Teologia: metodologia-história-pós-modernidade*. Trad. Hans Udo Fuchs. Londrina: Descoberta, 2000.
 - SCHLINK, Edmund. *Ökumenische Dogmatik: Grundzüge*. 2. ed. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1985.
 - SCHNEEWIND, J. B. *A invenção da autonomia*. Trad. Magda França Lopes. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
 - SINNER, R. von. “Towards a Theology of Citizenship as Public Theology in Brazil”. In: *Religion & Theology*. Vol. 16, 2009, p. 181-206.
 - SINNER, R. von ; RIBEIRO, A. C. “Entrevista: Teologia pública: para além da igreja e da academia”. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. 3, 2008, p. 91-95.
 - SINNER, R. von. “‘A Santíssima Trindade é a melhor Comunidade’. Trindade, igreja, sociedade civil”. In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, vol. 48, 2008, p. 51-73.
 - SPENER, Phillip Jacob. *Mudança para o futuro: Pia Desideria*. Trad. Dilmar Devantier. Curitiba; São Bernardo do Campo: Encontro: IEPG, 1996.
 - TROELTSCH, Ernst. *Die Absolutheit des Christentums und die Religionsgeschichte*. München; Hamburg: Siebenstern, 1969.
 - WESTPHAL, Euler Renato. A questão hermenêutica em Rudolf Bultmann. In: *Vox Scripturae*. São Paulo, vol. 10, n. 1, dez 2000, p. 89 -108.
 - WESTPHAL, Euler Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Editora Sinodal, 2003.
 - ZABATIERO TAVARES, Júlio Paulo. “O estatuto acadêmico da teologia à luz do parecer 118\09 do Conselho nacional de Educação\Câmara de Educação Superior(CNE\CES)”. In: *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo, vol. V, n. 26, 2009, p. 13-23.